



Estudantes do Liceu Santista escreveram bilhetes sobre o que é ser gentil e os expuseram em um mural



A outra ação, inspirada no Dia do Abraço, ontem, envolveu alunos, familiares e funcionários neste gesto

Contra a violência, escolas estimulam atos de gentileza

Dentro desse conceito, os educadores trabalham a cultura da paz e resolução de conflitos

DA REDAÇÃO

Gentileza gera gentileza é uma frase muito repetida. O maior desafio, porém, é fazer com que ela seja praticada. Para educadores e especialistas, esta prática pode criar uma onda de paz capaz de enfrentar a violência.

Pensando nisso, muitas escolas têm aberto suas portas para a cultura de paz. O movimento incentiva o respeito à diversidade e à compreensão, mas está longe de buscar a ausência de conflitos. Pelo contrário, a ideia é, por meio de conscientização, solucioná-los com diálogo.

Ontem, alunos do colégio Liceu Santista se reuniram com funcionários e pais para se abraçar, lembrando o Dia do Abraço. Mais do que um momento simbólico de gentileza, o ato faz parte do trabalho realizado na escola sobre cultura de paz.

“Por tudo o que vivemos, vemos que as pessoas estão se esquecendo de valores e isso

gera uma dificuldade em lidar com o outro. Falamos muito da guerra lá fora, mas como lidamos com os conflitos aqui dentro?”, questiona a psicóloga escolar do Liceu Santista, Flávia Gonzalez.

Habituar os jovens a ter um olhar mais fraternal com o outro é uma maneira, segundo Flávia, de minimizar conflitos.

Para Sérgio Pereira Nogueira Júnior, coordenador da Pastoral e de Ensino Religioso da instituição, habituar-se a pequenos gestos de gentileza no dia a dia tem impacto importante e ajuda a melhorar a convivência em sociedade.

Alguns alunos já têm percebido isso. “Temos um projeto chamado FASE (Falando Sério), que trabalha essas e outras questões fora do horário de aula. E tudo ajuda a gente a mudar as ações dentro e fora da escola. Na hora de resolver conflitos, a gente consegue esfriar a cabeça antes”, diz o estudante Lucas Valdez, de 16 anos.

Para o colega Lucas Leite,

Reflexão



É preciso colocar-se no lugar do outro”

Lucas Leite, estudante

discutir a cultura de paz ajuda a se colocar no lugar do outro. “E isso é fundamental para aprendermos a conviver”.

Mas o trabalhar estes valores precisa acontecer todos os dias e em todos os lugares, afirma Ana Paula Lima da Silva, que

Atitudes



“Ajuda a mudar nossas ações”

Lucas Valdez, estudante

tem dois filhos no colégio. “Temos de trazer nossos filhos para um convívio saudável porque a guerra e a violência lá fora, às vezes, começam em casa”.

Lia Diskin, cofundadora da Associação Palas Athena e coordenadora do Comitê da

Respeito ao próximo



As amigas e estudantes Alanis de Fátima Geovani, Rebeca Borges e Ana Betriz de Carvalho, todas de 12 anos, afirmam que praticar a cultura de paz é aprender a respeitar o outro e resolver desentendimentos com diálogo, e não briga. As três são alunas do colégio Liceu Santista, em Santos, e fazem parte do projeto FASE (Fala Sério).

Cultura de Paz na instituição em parceria com a Unesco, diz que as guerras nascem nas mentes dos homens. “Não são um ar rarefeito que vem das galáxias. O maior empenho e o maior esforço devem ser dedicados a educar, comprometidos com um modo amigável, não hostil, não ofensor”.

Segundo ela, conflitos sempre irão existir. Porém, é preciso promover educação, repassar valores e se ter respeito para lidar de forma saudável com eles.

Ainda de acordo com o órgão, os pais dos alunos envolvidos na confusão já foram chamados para uma reunião e o conselho escolar vai definir qual punição será aplicada.

Em PG, escola é palco de agressão

■ Mais um caso de confusão entre alunos foi registrado na região. Na quinta-feira, uma menina de 12 anos foi agredida por outras estudantes na EE Lions Clube Centro, no Jardim Quietude, em Praia Grande.

O episódio ocorre alguns dias após um aluno de 11 anos ser agredido também por colegas de classe, na UME Ayrton Senna, no Campo Grande, em Santos.

A agressão, segundo a adoles-

cente, que não quer ser identificada, ocorreu dentro da sala de aula. “Não havia nenhum professor (na classe) na hora que eu fui agredida”, relata.

A menina conta ainda que se recusou a revidar. “Disse que

não queria brigar, tentei me defender, mas as outras meninas me seguraram e começaram a me bater também. Todos da sala ficavam incentivando que elas me batessem, ficavam rindo. Me deram socos no rosto e no estômago”.

O pai da vítima, que terá o nome preservado, registrou um Boletim de Ocorrência por lesão corporal na Delegacia Se-

de do Município e conta que há cerca de um mês a menina vinha sendo alvo de ameaças em uma rede social.

“Isso começou quando eu me mudei (para a Praia Grande). Antes, morávamos em Mongaguá. Agora, vou no Conselho Tutelar ver se eles me dão respaldo para que ela volte à escola com segurança”, diz.

Por meio de nota, a Diretoria

de Ensino do Município afirma que repudia atos de violência na escola e que providências estão sendo tomadas para solucionar a situação.

Ainda de acordo com o órgão, os pais dos alunos envolvidos na confusão já foram chamados para uma reunião e o conselho escolar vai definir qual punição será aplicada.

Oferecemos o que há de melhor aos seus convidados



Av. Bartolomeu de Gusmão, 70
Embaré - Santos - São Paulo

MR
Maison Royale
BUFFET

(13) 3236.1802
(13) 3273.3118

Click

Cruzeiros.

A temporada de cruzeiros 2014/2015, que foi encerrada no dia 27 de abril, teve a movimentação de 823.903 passageiros, segundo dados do Concais, que administra o Terminal Marítimo de Passageiros Giusfredo Santini. O número supera a expectativa da empresa, que estimava o público em torno de 790 mil passageiros. Ainda de acordo com o Concais, os embarques movimentaram 390.948 pessoas; os desembarques, 395.079; e 37.876 estavam em trânsito. Aberta em 9 de novembro passado, a temporada durou 101 dias.



WALTER MELLO - 20/12/14